

Salta Educação no Rio de Janeiro: o caso do Elite Rede de Ensino

Salta Educação in Rio de Janeiro: the case of the Elite Rede de Ensino

Karine Vichienn Morgan
Leandro Sartori
Luciane da Silva Nascimento
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro - Brasil

Resumo

Este artigo analisa as estratégias de expansão da oferta educacional privada na educação básica da holding Salta Educação no estado do Rio de Janeiro, focalizando a marca Elite Rede de Ensino. No estudo, evidenciam-se as condições de oferta, de gestão e de currículo. Foram utilizados os microdados do censo escolar, análise e categorização das postagens de uma das redes sociais da escola investigada e de seu site oficial, pesquisa bibliográfica e documental. ¹ Foi possível observar estratégias para potencialização de lucros por meio da captação de alunos e venda de insumos educativos, além da ode à cultura do mérito e da competitividade.

Palavras chave: Financeirização da educação; Grupo Salta Educação; Privatização da educação básica.

Abstract

This article analyzes the expansion strategies of the Salta Educação holding company in the state of Rio de Janeiro, focusing on the Elite Rede de Ensino brand. The study highlights the conditions of supply, management and curriculum. Microdata from the school census, analysis and categorization of posts on one of the school's social networks and its official website, bibliographic and documentary research were used. It was possible to observe strategies for boosting profits by attracting students and selling educational supplies, as well as an ode to the culture of merit and competitiveness.

Keywords: Finacialization of education - Salta Educação Group - Privatization of basic education

A financeirização da economia, que se expandiu também para o campo da educação nos últimos anos, tem originado mudanças significativas nas condições de oferta, na gestão e nos currículos das escolas brasileiras. Este artigo busca analisar um campo carente de pesquisas e de difícil observação: o da instituição privada. Especificamente na pesquisa que ora se apresenta, o objeto de estudo consiste em uma marca de escola pertencente ao Grupo Salta Educação.

Este texto apresenta-se subdividido em três partes distintas e complementares: um primeiro bloco em que serão colocadas as bases teóricas por meio das quais a análise será realizada; um segundo bloco em que serão apresentadas a caracterização e história do objeto de análise desta pesquisa além dos dados acerca das dimensões supramencionadas; e, por fim, um terceiro bloco contendo as considerações finais.

Este artigo é fundamentado no método materialista histórico-dialético, evidenciando as múltiplas contradições que permeiam o tempo presente em seu caráter histórico. Como forma de exposição organizamos a empiria por meio de um estudo exploratório e descritivo, cujos dados foram extraídos dos microdados do censo escolar (2021 e 2022), das páginas oficiais da escola investigada e uma de suas redes sociais (Instagram), além de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Este artigo deriva de pesquisa interinstitucional financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – processo nº 405647/2021-2) sob a Coordenação de Theresa Adrião e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj - Processo nº 200.214/2023) sob a coordenação de Marcelo Mocarzel.

Financeirização da educação: um breve panorama

A educação brasileira tem vivenciado, nas últimas décadas, um radical ato de transformação da sua materialidade em função do processo de financeirização do capital, que vem na esteira do avanço das forças produtivas na busca por novas formas de acumulação. A financeirização cresce no cenário internacional como um movimento do capital que se alastra em diferentes esferas da vida, ampliando as expropriações, a exploração do trabalho em escala global. Nos países de capitalismo dependente, tem deformado as suas economias, principalmente aquelas centradas em commodities, indústrias e serviços desvinculados de

cadeias produtivas intensivas em conhecimento, com direcionamento econômico vinculado aos mecanismos da dívida pública e redirecionamento do fundo público (Behring, 2021).

Este movimento de subordinação da esfera econômico-social aos imperativos do capital financeiro (Fontes, 2010) incide diretamente na posição da força de trabalho nacional e na divisão internacional do trabalho, refuncionalizando a produção científica e tecnológica brasileira e, focalmente, as políticas destinadas à formação humana. No Brasil o processo de financeirização dos capitais sob a forma de prestação de serviços educacionais foi lastreado na Educação Básica e Superior, especialmente a partir de 2007, com a entrada das grandes corporações nas bolsas de valores (Seiki, 2017).

É importante salientar que a diversificação de serviços educacionais viabilizados pelo processo de financeirização compõe o cenário onde se insere a oferta educacional da holding Salta Educação. Portanto, entender a materialidade desse processo nos ajuda na análise teórico-metodológica do processo de mercantilizaçãoⁱⁱ no interior das escolas pertencentes a esta holding no Rio de Janeiro.

A concentração de capitais sob a forma capital portador de juros não é recente. Fontes (2010) evidencia a dinâmica da expansão das relações sociais capitalistas no momento de maior concentração de recursos sociais de produção. Utilizando Marx, a autora resgata a análise do valor de uso do capital portador de juros:

Para Marx, a existência de grandes proprietários de capital monetário, ou portador de juros, com ou sem a orquestração de seus administradores (quer sejam bancos ou outras formas jurídicas) converte o capital numa força social anônima, ao mesmo tempo concentrada e extremamente difusa. O capital monetário *não se limita a puncionar*: precisa expandir relações sociais capitalistas. O capital assume uma configuração diretamente social, por várias razões: não é mais um proprietário controlando a “sua” produção, mas proprietários unidos apenas pela própria propriedade, e que precisam converter seu dinheiro, através de quaisquer mãos, em mais-valor (Fontes, 2010, p. 28)

Os juros compõem uma parte do mais-valor e, portanto, está cada dia mais ligado à extração de mais-valor. Esse processo de realização do mais valor se amplia justamente pela maior exploração da força de trabalho e da extração, ainda mais específica, do sobretrabalhoⁱⁱⁱ (Fontes, 2010):

Marx relembra, previamente, que toda riqueza social provém do trabalho. Os juros, ou a remuneração do capital que se converte em mercadoria,

correspondem a uma parcela do mais-valor extraído por outros capitalistas, cuja atividade destina-se a extrair sobretrabalho (Fontes, 2010, p. 23).

Esse processo, portanto, aprofunda a separação entre a propriedade e a gestão dos empreendimentos. O capitalista funcionante tem o papel social de extrair mais-valor, o que lhe permite realizar um excedente o qual busca transformar em capital monetário (Fontes, 2010). O capital monetário não aparece como simples punção, mas segue se realizando, por meio de um processo de autonomização. Marx (2017) evidencia os germes desse processo:

No capital portador de juros, tudo se apresenta externamente: o adiantamento do capital como mera transferência do prestamista ao prestatário; o refluxo do capital realizado como mero reembolso, como restituição do capital, com juros, do prestatário ao prestamista. Do mesmo modo, a determinação, imanente ao modo de produção capitalista, de que a taxa de lucro é determinada não apenas pela relação entre o lucro obtido numa única rotação e o valor-capital adiantado, mas também pela duração dessa rotação, ou seja, como lucro que o capital industrial gera em determinados períodos. No capital portador de juros isso também se revela de maneira completamente externa, pelo fato de que o prestatário abona ao prestamista juros determinados por um prazo determinado (Marx, Livro III, 2017, p. 404).

Segundo Marx, o processo de realização do capital portador de juros é constante, permanente e se apresenta aparentemente de forma autônoma:

O capital agora é uma coisa, mas como tal, é capital. O dinheiro tem agora amor no corpo. Tão logo é emprestado ou investido no processo de reprodução (na medida em que rende ao capitalista ativo, como a seu proprietário, juros separados do ganho empresarial), crescem seus juros, não importando se ele dorme ou está acordado, se está em casa ou viajando, se é dia ou noite. Assim, o desejo do entesourador se realiza no capital monetário portador de juros (e todo capital é, segundo sua expressão de valor, capital monetário – ou é agora considerado a expressão do capital monetário). (Marx, 2017, p. 443).

Ainda sobre o processo de concentração de capitais, Lenin (2012) analisa como o capital financeiro e a oligarquia financeira se expandiram no início do século passado, alcançando um estágio superior do capitalismo, que seguiu um fluxo autonomizado e feroz, ganhando as fronteiras transnacionais, consolidando e reiterando a hegemonia das bolsas de valores como formas reguladoras do capital fictício.

No avanço desse processo de financeirização do capital, obviamente, os países de capitalismo dependente foram aqueles que mais sofreram com os impactos deletérios das

relações sociais de produção assentadas na base do sobretrabalho. A precarização do trabalho atingiu escala global.

No campo educacional, as instituições que vão se ajustando aos moldes desse processo refazem as relações internas com vistas aos enxugamentos de custos, redução da força de trabalho, entre outros fatores fundamentais para adaptação aos padrões de extração de mais-valor. Nesse contexto de fusões e aquisições, o processo de mercadorização da educação é evidente e a introdução das plataformas de trabalho intensifica a expropriação do trabalho intelectual dos docentes, exacerbando a subordinação real do trabalho ao capital^{iv}.

No Brasil, as últimas três décadas serviram de laboratório mediante ao processo de construção de uma educação terciária (Barreto; Leher, 2008). A partir dos anos de 1990, com a emergência das condicionalidades impostas por diferentes organismos internacionais, com destaque ao Banco Mundial, com vistas à comodificação da educação aos imperativos do capital, vivenciamos uma enxurrada de desregulamentações legais que impulsionaram o crescimento do setor privado mercantil.

A partir de 2007, observamos o crescimento de aquisições e fusões das instituições de educação e começamos a acompanhar a conversão dos grupos educacionais em sociedades anônimas (capital aberto e capital fechado^v). É nesse mesmo ciclo temporal que proliferaram as concessões de títulos de propriedade (ações) das instituições educacionais nas bolsas de valores. Com os incentivos e renúncias fiscais, o fundo público tem garantido, nos últimos anos, o crescimento sem precedentes desses grupos no país, tanto na Educação Superior, quanto na Educação Básica.

Adrião (2018) analisa historicamente o processo no país a partir do dimensionamento das produções nacionais e internacionais que turbinaram a privatização das políticas educacionais e se relacionam diretamente com o processo de mercantilização da educação, no caso brasileiro, turbinado a partir da crise orgânica do capital (anos de 1970). Cunha (2009) analisa a ideologia privatista que ganhou força com o esgotamento do regime militar e se somou à ideias e práticas arraigadas em nosso país. Esse cenário corroborou para a realização posterior do processo de financeirização da educação.

A realização do mais-valor, agora presente de forma clara nas escolas privadas mercantis, transformou de forma radical as relações dos processos pedagógicos no interior

desses espaços através dessa nova forma de ‘composição orgânica’ da educação no Brasil, que evidencia um ineditismo sem precedentes no processo de financeirização do conjunto da Educação Básica e Superior. Se o Chile foi precursor das políticas neoliberais na América Latina na década de 1970, aqui temos garantido o pioneirismo do processo de financeirização por dentro da educação nas primeiras décadas do século XXI.

Existem algumas importantes particularidades desse processo que reorganizam as relações no campo educacional, pois o grupo educacional começa a compor parte de um conjunto de variados negócios sob o controle total ou parcial de um fundo investidor. O mais emblemático exemplo são os portfólios dos grupos controladores onde coexistem empresas de diferentes naturezas e ramos. Ou seja, a educação aparece em uma cesta de serviços como mais uma mercadoria vendável, entre tantas outras (por isso, aqui é cabível o termo mercadorização da educação). No caso do baixo retorno financeiro, a instituição pode ser facilmente rejeitada pelo fundo que a coloca sob permanente pressão por metas, do contrário há uma conseqüente ‘punição’, ou seja, a descapitalização. Os investidores têm interesse nos lucros do fundo e não nas empresas que compõem os negócios. Portanto, eles esperam um padrão considerável de lucro a um tempo de retorno dos investimentos que são característicos do mundo das finanças:

Hoje, a lógica financeira e especulativa que rege o comércio de títulos é marcada pela amplitude econômica global e pela volatilidade. Os investidores que aplicam seu capital nas bolsas não estão preocupados com a origem nacional das empresas ou com o tipo de produtos ou serviços que estas geram. Não estão interessados tampouco com os efeitos que estas empresas têm sobre o desenvolvimento ou o atraso do país. A única coisa que importa, independente da índole individual de cada investidor, é o grau de rentabilidade que aquele título de propriedade oferece. Esta é a lógica que rege a esfera financeira. (Tricontinental, 2020b, p. 5).

Essa lógica de subsunção real da educação ao capital financeiro com a difusão do *ethos* de descarte das instituições pouco lucrativas está no cerne da dinâmica interna do capital financeiro:

Por isto, o capital financeiro e especulativo pode migrar em questão de horas de um setor para outro e de um país para outro, gerando uma rápida valorização de uma empresa em um determinado momento, mas que em pouco tempo pode se deteriorar em função da ausência de barreiras e controles. Isto tem muitas implicações, afinal a especulação financeira destrói progressivamente a oferta de bens públicos e eleva o custo de vida da maioria da população ao se apropriar de serviços que anteriormente eram oferecidos gratuitamente pelo Estado. A lógica financeira também atenta

contra a soberania dos povos, ao deixar o país vulnerável ao “humor” dos mercados internacionais, além de afetar a qualidade dos serviços, uma vez que estes passam a ser regidos pela necessidade de rápida rentabilidade. (Tricontinental, 2020b, p. 5-6).

Essa visão da educação como um trato mercantil, negociada nas bolsas de valores, ultrapassa as relações das instituições componentes dos portfólios dos grupos de capital aberto. O *ethos* propriamente empresarial de gestão destas organizações educacionais atinge as demais instituições privadas que buscam competir com as escolas pertencentes a esses grupos. Internamente, observamos mudanças nos padrões de gestão da força de trabalho no interior de muitas escolas privadas. Há uma reconfiguração de tal modo que é possível afirmar a própria mudança no caráter e na natureza do negócio educacional, agora sob a completa subordinação aos imperativos da lógica do capital. O docente passa a ser concebido como um colaborador que precisa apresentar produtividade por meio de metas, há uma difusão de concepções pedagógicas compatíveis com um vazio senso comum empresarial, reiteradas pela ideologia do capital humano e pela lógica das competências. É nesse ensejo que a holding Salta Educação controla a sua rede de escolas como observamos de forma mais detalhada nas seções subsequentes.

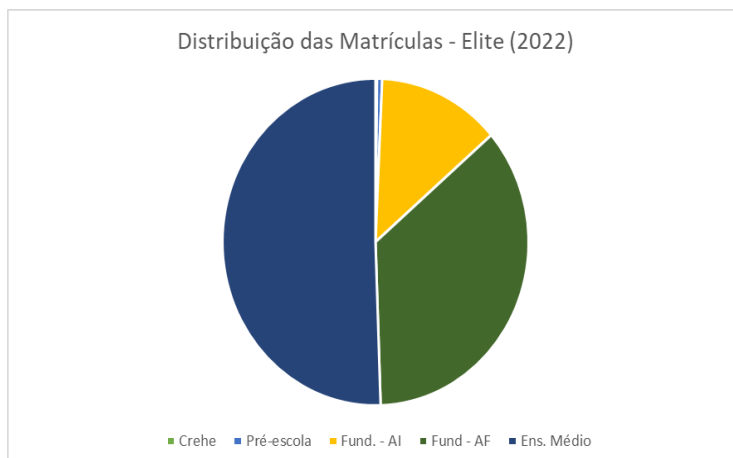
Histórico do Elite Rede de Ensino e sua incorporação à holding Eleva/Salta Educação^{vi}

O Elite Rede de Ensino é uma das maiores instituições privadas de educação básica do Rio de Janeiro^{vii}. Atualmente, o site institucional do Elite indica que existem 24 (vinte e quatro) unidades no Rio de Janeiro^{viii}, sendo 17 situadas na capital do estado, nas zonas norte e oeste apenas, e outras 7 em outros municípios^{ix}. Vale pontuar a distorção entre os dados constantes em sua página virtual e os dados do Censo de 2022 cujo número de unidades é de 22. É interessante observar, ainda, que a localização das escolas da rede, em sua maioria^x, não contempla regiões valorizadas da cidade do Rio de Janeiro que concentra as maiores rendas per capita, privilegiando áreas populares. Tal fato pode indicar que a estratégia da rede ora em análise não contempla a captação dos filhos da elite econômica.

A despeito da rede trabalhar com as etapas da educação básica, nem todas as unidades oferecem vagas para todos os segmentos, ao contrário, há uma tendência à segmentação. Segundo o Censo Escolar do ano de 2022, as escolas da rede atendem a 17.832 matrículas distribuídas nas três etapas da educação básica em todo o estado do Rio de Janeiro.

Salta Educação no Rio de Janeiro: o caso do Elite Rede de Ensino

Gráfico 1: Distribuição de matrículas por etapa



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Censo 2022

Como pode ser observado no Gráfico 1, 50% das matrículas concentram-se no Ensino Médio e 36% nos anos finais do Ensino Fundamental. A creche e a pré-escola não chegam a totalizar 1% das matrículas, ficando 13% com os anos iniciais do ensino fundamental. Na tabela 1, percebe-se o quantitativo de escolas situadas no Rio de Janeiro que atendem a cada etapa da educação básica:

Tabela 1: Etapas da Educação Básica atendidas pelas Unidades Elite no Estado do Rio de Janeiro			
Etapa	Unidades na capital	Unidades em outros municípios	Total
Educação Infantil*	0	1	1
Ensino Fundamental Anos Iniciais	10	3	13
Ensino Fundamental Anos Finais	16	7	23
Ensino Médio	14	7	21
Ensino Médio Militar (ou Ensino Militar)**	14	6	20

*A Educação Infantil é nomeada pela escola como Ensino Infantil
**A despeito de não existir legalmente a etapa chamada Ensino Médio Militar, a escola utiliza esse termo em referência às turmas com ênfase na preparação para exames de concurso militar. Manteve-se o termo, pois reitera uma estratégia para atração de clientes (alunos) da instituição.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de informações disponíveis no site do Colégio e Curso

Observa-se preponderância das etapas Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio no conjunto das unidades do Colégio. Como consta nas observações dispostas na tabela, há ênfase na formação propedêutica para concursos militares, de modo que no ensino

médio e no 9º ano do Ensino Fundamental é oferecido direcionamento ao ensino para provas militares - nomeada pela instituição como se fosse um segmento específico de atuação e estudos.

Tal distribuição pode ser atribuída à própria origem da instituição, ligada à aprovação em concursos. O Elite Rede de Ensino indica como marco de sua história institucional o ano de 1999, quando um grupo de pessoas formado pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) organiza um curso preparatório para concursos. O atendimento a etapas da escolaridade básica se inicia em 2002 com o Ensino Médio e anos depois com atendimento de turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais e finais e educação infantil.

O ano de 2013 marca uma inflexão na trajetória da instituição. O Elite Rede de Ensino é fundido com o Pensi Colégio e Curso, dando origem à (então) *holding* Eleva Educação - atualmente nomeada Salta Educação^{xi}. As duas escolas representaram a pedra fundamental da construção de uma gigante educacional que se expande não apenas na quantidade de matrículas na educação básica, mas também na aquisição e comercialização de sistemas de gestão da escola, sistemas de ensino (em especial, material didático), curso de idiomas e formação docente.

A (então) Eleva Educação foi criada com a gestão financeira do Gera Venture, um dos “principais fundos de investimento que incidem sobre a educação básica no Brasil” (Adrião; Domiciano, 2018)

Na *home page* do Gera, poucas informações estão disponíveis, porém é possível observar que há, em uma aba chamada “Cartas”, quatro tópicos nos quais a gestora de recursos vem apostando. Compreendendo que as carteiras de Venture Capital (como a da Gera) implicam alto risco ao mesmo tempo que possibilitam alta lucratividade, uma das cartas, ligada ao que tem sido chamado de *Blended Learning*, termina da seguinte forma:

Mas no Gera não acreditamos em balas de prata em educação. Sabemos que, como na busca pelo Santo Graal, a caminhada será árdua e complexa. Nosso trabalho é para que daqui a alguns anos a leitura das cartas do Gera conte a trajetória da criação de um modelo educacional que aproveite o melhor dessas ferramentas **a fim de gerar melhorias pedagógicas alinhadas a um atraente retorno financeiro**. Esperamos que vocês também aproveitem essa jornada na busca por nosso próprio cálice sagrado. (Gera, s/a. Grifos nossos)

Tal intenção explícita, de lucratividade aliada a uma ‘boa ação’, não é novidade entre os donos do capital. Nos anos de 1990, Oded Grajew, empresário e Presidente da Associação

Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) entre 1986 e 1992 e fundador da Fundação Abrinq (1990) em entrevista concedida à Revista Caros Amigos (apud Paoli, 2002, p.393) afirmou: “Não tenho ilusões. A lógica empresarial é o lucro e não a solidariedade. Mas de repente há a percepção que lucro depende de posturas mais éticas e solidárias. [...]”. Pode-se extrair daí a importância do discurso da “melhoria pedagógica” vir junto do discurso da maximização de lucros.

Para além do *Blended Learning*, as outras cartas referem-se à Educação e Tecnologia; Habilidades de Vida e Formação de Professores. Estes mesmos princípios valorizados pela Gera Capital podem ser encontrados tanto no site do Elite Rede de Ensino, quanto nas suas redes sociais. Pode-se perceber que os produtos eleitos como possíveis geradores de lucro já estão em funcionamento nas escolas do Grupo Salta e, mais especificamente na marca ora em análise.

Pedagogicamente, o Elite Rede de Ensino conta com o que nomeou Kit Pedagógico, composto pelo Portal do Aluno; Plurall; Monitoria e LIV. O Portal do Aluno é uma área ligada à organização e gestão da instituição e também das famílias. Traz facilidades e informações sobre a vida funcional do estudante na instituição. A monitoria é uma espécie de aula de reforço (inclusive preventiva).

O *Blended Learning* e a Educação e Tecnologia abordados no site do Gera podem ser encontrados nos pilares pedagógicos do Kit utilizado pelo Elite a partir do PLURALL que, segundo a *homepage* da escola.

[...] é uma plataforma educacional acessível a qualquer hora e em qualquer lugar. As ferramentas do Plurall propiciam um ambiente de aprendizagem único, não apenas por ser virtual, mas pelas possibilidades de adaptação das metodologias de ensino.

Com o Plurall geramos conexão com os alunos, tornando o ensino cada vez mais personalizado.^{xii}

O site do Plurall o identifica como um ambiente virtual de aprendizagem em que a instituição disponibiliza listas de exercícios, vídeos e tutores para que os estudantes tirem dúvidas do conteúdo ou solicitem esclarecimentos sobre o material.

O Plurall fornece “relatórios de desempenho com os resultados dos alunos, especificando suas maiores dificuldades. Os professores podem criar as próprias atividades dentro do aplicativo, possibilitando a gestão pedagógica aula a aula e personalizando as estratégias de ensino.”^{xiii}

Já o Laboratório de Inteligência de Vida - o LIV - afirma que a formação integral dos estudantes também é responsabilidade da escola e, como parte da estratégia formativa, o Elite utiliza-se do LIV cujas aulas são semanais e integrantes do currículo dos estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

É interessante observar que segundo sua descrição, seus conteúdos “alcançam toda a comunidade escolar por meio de propostas e materiais **pensados para alunos, professores e famílias**”^{xiv}(Grifos Nossos)

Segundo Freire (2017), em seu conceito fundamental de Educação Dialógica, a educação e a aprendizagem se fazem a partir dos contextos locais e, por consequência, as propostas pedagógicas não poderiam prescindir da dialogicidade em sua construção.

[...] dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais. (Freire, 2017, p. 109).

Nesse sentido, nos parece incondizente com a educação libertadora propugnada pelo patrono de nossa educação, a ideia de que uma proposta pedagógica, por melhor que seja, possa ser pensada PARA outros sujeitos e não COM ou PELOS próprios destinatários da proposta.

O LIV é um produto do Grupo Salta. Na descrição do programa, afirma ser “um programa de educação socioemocional” que ajudará os sujeitos que com ele tiverem contato a “desenvolver habilidades de vida, como criatividade, proatividade e colaboração”^{xv}

O Elite Rede de Ensino aplica, além do Kit Pedagógico enunciado, outros projetos, como: a Olimpíada Nacional Elite (ONElite) para as séries a partir do 4º ano do Ensino Fundamental com conteúdos de Matemática, Língua Portuguesa e Redação; o Ecossistema de Aprendizagem Inovador (EAI), cujo eixo central se baseia na ideia de eletivas que os estudantes podem cursar e aprofundar suas habilidades em inovação e tecnologia (Fotografia, Masterchef, Música, Mistérios do Universo e outros), seguindo lógica semelhante aos itinerários formativos propostos pela Reforma do Ensino Médio; Copa Elite, propagandeada como o maior evento esportivo escolar do Brasil; projeto Vernissage, estimulando aprendizagens vinculadas às artes visuais; o projeto Orgulho do Elite que premia os estudantes com melhores resultados; e inúmeros outros projetos, dentre os quais, os que mais se destacam são os preparatórios para concursos.

Salta Educação no Rio de Janeiro: o caso do Elite Rede de Ensino

Os cursos preparatórios, seja com ênfase no vestibular ou em provas para ingresso em escolas de maior prestígio social e na carreira militar, são um eixo importante de “venda das aprendizagens” da instituição. Na tabela 2, indica-se os cursos e quantitativo de unidades no estado do Rio de Janeiro que os oferecem.

Tabela 2: Cursos oferecidos pelo Elite nas unidades do estado do Rio de Janeiro			
Curso	Unidades da capital	Unidades de outros municípios	Total
AFA/EEAr/EFOMM	2	1	3
AFA/EM/EFOMM	9	3	12
Colégio Naval / EPCAr	12	6	18
EsPCEX	12	6	18
EsSA	2	0	2
IME/ITA	1	0	1
Medicina*	1	0	1
Pré Vestibular	14	7	21
Pré-vestibular Mais	6	3	9

*Curso não citado no rol de cursos do site institucional. Apenas a Unidade de Realengo possui citada essa modalidade.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados que constam no site da instituição.

Ao menos seis cursos anunciados acima se referem a preparação para que os estudantes aprendam e exercitem a resolução de questões de diferentes provas de concursos militares. Além dos cursos preparatórios para concursos militares, há o curso pré-vestibular, com ênfase propedêutica para ingresso no ensino superior público, principalmente, e o curso Pré-vestibular Mais, cuja especificidade trata de preparação para “cursos de ponta” e com concorrência acirrada - como medicina, por exemplo -, de modo que os estudantes têm maior carga horária de estudos em resolução de questões de biologia, química, física e matemática.

Nesse sentido, a missão institucional do Elite Rede de Ensino “acredita como a melhor maneira de formar crianças e jovens **vencedores, capazes de conquistar seu próprio sucesso, no campo que desejarem.**” (Grifos nossos), para tanto, sintetizam suas ideias nas palavras: amor, garra, foco e mérito. As palavras são reiteradas nos valores defendidos pela instituição, principalmente, o enaltecimento da cultura do mérito e dos resultados em avaliações e concursos, revestidos da aparência de ensino com excelência acadêmica. A cultura do mérito e dos resultados é uma das principais chaves utilizadas para a conquista de novos estudantes.

Elaboramos uma sistematização onde analisamos o conteúdo das publicações que constam no perfil de Instagram da instituição^{xvi}. No primeiro semestre de 2023, com datas que variam de 2 de janeiro a 23 de junho, constam 174 publicações. Com vistas a compreender quais os principais assuntos e estratégias de captação de alunos, construiu-se um mapeamento utilizando a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Inicialmente, inventariou-se as postagens do período citado, sistematizando a imagem ou vídeo, sua legenda e data de publicação correspondente. Em seguida, criou-se categorias para facilitar o estudo sobre os temas e estratégias de mercado empregadas. Importa mencionar que, por vezes, uma mesma postagem foi classificada em mais de uma categoria, quando seu conteúdo remetesse a mais de uma especificação categorial. Na tabela 3, expõe-se a frequência em que cada tema foi citado na rede social.

Tabela 3: Sistematização de temas prioritários no Perfil de Instagram da Instituição	
Assunto	Frequência
Acolhimento	3
Agendamento individual para obter descontos	13
Bolsão	72
Conteúdos escolares	7
Datas Comemorativas	19
Dicas culturais, socioemocionais ou de hábitos	20
Divulgação das unidades e etapas de escolarização	21
Família	5
Lembrete provas de concursos	4
Memes ou publicações para engajamento	7
Projetos e Cursos	35
Resultados e aprovações conquistadas por alguns alunos	48
Valores da escola/Pilares	5
Venda de ingressos para participação em projeto Copa Elite	8

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de consulta e análise de publicações da rede social da instituição.

As categorias que tiveram menor incidência dizem respeito ao acolhimento dos estudantes no período de retorno às aulas; compartilhamento de fragmentos de explicações sobre alguns conteúdos escolares que caem em provas de concurso; temas vinculados à vida

familiar e participação dos pais e responsáveis no processo de escolarização; lembretes de inscrição em provas de concursos de vestibular e militar; alguns memes genéricos sobre o cotidiano de escolas; e divulgação dos valores de mérito e desempenho defendidos como pilares do trabalho pedagógico. Pode-se notar, em contrapartida, grande ênfase nos assuntos atinentes à cultura do resultado e do mérito em fazer provas de concurso.

Esse destaque dado aos resultados aparece de forma mais explícita ainda nas postagens que classificamos como “resultados” que, nada mais são, que a divulgação dos alunos que foram aprovados ou que tiveram alto rendimento nas provas de concurso. Grosso modo, são fotografias ou vídeos que evidenciam a colocação e curso que o ex-aluno do Elite foi aprovado. De maneira geral, os resultados são utilizados como instrumento de propaganda e conotam, supostamente, a qualidade dos processos de aprendizagem decorrentes da atuação da escola. Alguns dos números propagandeados explicitam mais de mil aprovações dos estudantes de suas diferentes unidades e cursos de todo o Brasil.

Em geral, as postagens costumam estar associadas à divulgação do Bolsão, espécie de prova em que os alunos e candidatos a ingressarem na instituição poderiam conquistar descontos de mensalidade proporcionais aos acertos na prova. Esses descontos de bolsão são o principal tema abordado no perfil, sobretudo até meados do mês de março^{xvii}. Sendo assim, associa-se que a difusão de bons resultados em concursos poderia ser chamariz de novos alunos.

Além dos resultados em avaliações, divulga-se projetos e cursos oferecidos pelo Elite e utiliza-se os cursos e projetos como instrumentos de propaganda associados ao bolsão.

Após a conclusão do período de bolsão do início do ano, indica-se no perfil a possibilidade de que sejam agendados atendimentos individualizados, de modo que nesses atendimentos seria possível negociar descontos personalizados junto ao representante da escola.

O que se coloca como fundamental no site e perfil da instituição não se refere aos interesses de formação humanística e cidadã dos estudantes, mas ao estímulo à cultura do resultado, mérito e capacidade de preenchimento de avaliações padronizadas - como já foi reiterado.

Mais recentemente, a escola tem adotado o oferecimento de disciplinas eletivas que se revestem da aparência de atendimento aos interesses individuais de alunos, mas que na

prática são apontadas como desdobramentos de uma formação empreendedora ou para a empregabilidade.

Não é difícil perceber que tais habilidades vão ao encontro de princípios e valores ligados ao mercado, ao *modus operandi* do empresariado e ao modo de produção capitalista atual. Nesse sentido, ocorre uma redução da pedagogia às métricas de performance e produção de resultados, expropriando dos sujeitos escolares do direito de participação política na definição dos meios e fins da educação (Catini; Branco, 2023). De fato, para Catini (2020) o ideal privatista tem orientado a ação escolar à uma espécie de trabalho sujo: fazendo a seleção dos estudantes “mais capazes” por meio dos testes e, por outro lado, àqueles que ficam alijados dos postos de trabalho formal e de escolarização, ocorre um disciplinamento e conformação ao *modus operandi* do capital por meio do aprendizado contínuo ao longo da vida e à criação dos próprios postos de ocupação profissional via soluções empreendedoras.

Considerações finais

A financeirização da educação tem propiciado o surgimento de mercados educacionais, cujo eixo central é a obtenção de altas taxas de lucro e, também, a consolidação de uma superestrutura fundamentalmente marcada pelos interesses privados.

Observou-se que o Elite Rede de Ensino tem se consolidado como um poderoso grupo privatista que abarca matrículas de estudantes na educação básica e de preparatórios para concursos. Suas estratégias de ampliação da oferta se articulam com a divulgação dos “resultados” de egressos da escola em avaliações de concursos vestibular e militar. Estimula-se, nesse sentido, que a lógica do mérito e desempenho acadêmico individual permeiem as relações de ensino-aprendizagem, de modo que o currículo se ocupa prioritariamente, em especial durante o Ensino Médio, do desenvolvimento das melhores táticas para realização dos certames. O chamado Kit pedagógico composto, dentre outras coisas, pela apostila tem grande tendência à padronização do procedimento pedagógico, direcionando-o à resolução de questões e, por outro lado, se constitui como uma poderosa forma de arrecadação financeira.

Além deste aspecto de preparação para concursos, outro aspecto curricular é o desenvolvimento de projetos diversos que remetem à formação socioemocional, formação empreendedora ou, ainda, a realização de atividades com forte apelo lucrativo - evidente, por exemplo, na venda ingressos para a “Copa Elite”, evento de competições esportivas.

Nota-se que a estratégia central de gestão do espaço escolar não está pautada pelo compromisso construído entre a equipe pedagógica, professores, estudantes e comunidade escolar com o desenvolvimento humano das crianças e jovens. Ao contrário, a estratégia central é de gerenciamento dos resultados visando a finalidade primeira da instituição, que é a garantia de altos padrões de lucratividade e acumulação de capital.

Ao passo que se vende a formação humana de ELITE, ancorada na cultura do mérito e da competição entre os sujeitos, colocando-a discursivamente como aquela de melhor qualidade, coloca-se em xeque a formação humana ancorada na ética, na justiça social, na valorização de saberes múltiplos e multifacetados que nos parecem tão necessários à uma educação contra a barbárie.

Referências

ADRIÃO, Theresa. Dimensões e formas da privatização da educação no Brasil: caracterização a partir de mapeamento de produções nacionais e internacionais. **Currículo sem fronteiras**, v. 18, n. 1, p. 8-28, 2018.

ADRIÃO, Theresa; DOMICIANO, Cassia Alessandra. A educação pública e as corporações: avanços e contradições em uma década de ampliação de investimento no Brasil. **FINEDUCA-Revista de Financiamento da Educação**, v. 8, 2018.

DE ANDRADE, Maria Carolina Pires; DA MOTTA, Vânia Cardoso. O empresariamento da educação de novo tipo e seus agentes: o empresariado educacional do tempo presente. **Revista Trabalho Necessário**, v. 20, n. 42, p. 01-27, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/54290/32432>. Acesso em: ago. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70: São Paulo, 1977.

BARRETO, Raquel Goulart; LEHER, Roberto. Do discurso e das condicionalidades do Banco Mundial, a educação superior" emerge" terciária. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 423-436, 2008.

BEHRING, Elaine. **Fundo público, valor e política social**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

CATINI, Carolina; BRANCO, João Francisco. Sob nova direção: trabalho docente e privatização. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, [S. l.], v. 14, n. 36, p. 961-983, 2023. DOI: 10.58422/repesq.2022.e1391. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1391>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CATINI, Carolina. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. **Revista USP**, [S. l.], n. 127, p. 53-68, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i127p53-68. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180045>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. São Paulo/ Niterói/ Brasília: Cortez/ EDUFF/ Flacso-Brasil. 6. Ed. 2009.

FERREIRA, Carla. Sobretrabalho em Marx, expropriação e superexploração no capitalismo dependente. **Teoria Social, Formação Social e Serviço Social**, v. 4, p. 1, 2018.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. 3. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular/ V.I. Lenin**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Marx-Engels).

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista**. Tradução Rubens Enderle. Edição de Friedrich Engels. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

PAOLI, Maria Célia. Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil, In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, cap. 8, p. 373-418.

SEKI, Allan Kenji. Financeirização do capital na educação superior: articulações entre a apropriação de parcelas do fundo público e a desregulamentação da educação nacional. **Colóquio Internacional Marx e o Marxismo**, v. 2017, p. 1867-1917, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54290729/SEKI__A._K._Financeirizacao_do_capital_na_educacao_superior__articulacoes_entre_a_apropriacao.pdf. Acesso em: jun. 2023.

SILVA, Amanda Moreira da. **Formas e tendências da precarização do trabalho docente: o precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. **A Educação brasileira na bolsa de valores: as oito empresas privadas de capital aberto que atuam no setor educacional**. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Front, 2020b. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5805800/mod_resource/content/1/20201014_Financ_eirizac%CC%A7a%CC%83o-da-Educac%CC%A7a%CC%83o_web.pdf. Acesso em: jun. 2023.

TEIXEIRA, Pedro Henrique de Melo. **A uberização do trabalho docente**: reconfiguração das condições e relações de trabalho mediados por plataformas digitais. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45841>. Acesso em: ago. 2023.

Notas

ⁱ Este artigo vincula-se a pesquisa financiada pelo CNPQ (Processo 405647/2021-2) sob a Coordenação de Theresa Adrião e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj - Processo nº 200.214/2023) sob a coordenação de Marcelo Mocarzel.

ⁱⁱ Etapa específica das relações de transformação da educação em mercadoria rentável que é turbinada no processo de financeirização.

ⁱⁱⁱ A categoria sobretrabalho é utilizada por Marx para designar **trabalho excessivo**, ou seja, aquele trabalho especificamente **expropriador, espoliador**. Distintamente o autor, também, utiliza a categoria trabalho excedente, mas como aquela segunda parte do processo de trabalho em que o trabalhador não cria valor para si, mas para outrem, gerando mais-valia: “Isso implica que esses dois conceitos não coincidam e sejam utilizados para descrever fenômenos diversos, embora aproximados e muitas vezes combinados, em O capital” (Ferreira, 2018).

^{iv} A materialidade do processo de subordinação real do trabalho ao capital sob a lógica da financeirização da educação é analisada por: Silva (2020); Andrade e Motta (2022); Teixeira (2022). Em Marx (Livro I, 2013) encontramos a análise da transformação da força de trabalho em capital nos estudos sobre o modo de produção capitalista. Neste artigo citamos essas transformações operadas nas formas de organização do campo educacional considerando o contexto da atual fase do processo de financeirização, entretanto a nossa empiria não adensa análises sobre esses aspectos da materialidade do capital sob a educação.

^v A Salta Educação é gerida por um fundo de investimento privado e não negocia suas ações na bolsa de valores. Em agosto de 2020, foi veiculada a notícia no Valor Econômico e na CNN de que a holding (até então Eleva Educação) pediu autorização para realizar um IPO (oferta pública inicial de ações). Até o fechamento deste artigo o IPO não havia ocorrido.

^{vi} O Eleva Educação, em dezembro de 2022, passa por um processo de reorganização em que vende suas escolas premium e foca em outros produtos. Nesta negociação, o nome Eleva segue com as escolas e o que era a holding Eleva Educação torna-se Salta Educação.

^{vii} O Elite Rede de Ensino possui filiais em outros estados do Brasil, porém, neste artigo, abordamos prioritariamente informações sobre a rede de escolas situadas no estado do Rio de Janeiro.

^{viii} A partir de 2017, há uma modificação na oferta de matrículas a partir da qual a rede de escolas sofre significativa expansão para outros estados brasileiros. Além das escolas no Rio de Janeiro, são incorporadas instituições no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Distrito Federal, São Paulo e Santa Catarina.

^{ix} Unidades situadas na Cidade do Rio de Janeiro: Bangu, Bonsucesso, Campo Grande I, Campo Grande II, Ilha do Governador, Irajá, Madureira I, Madureira II, Madureira III, Norte Shopping, Realengo, Sans Peña, Santa Cruz, Shopping Guadalupe, Taquara, Tijuca e Vila Valqueire. Unidades situadas em outros municípios do estado: Duque de Caxias, Iguaçuano, Itaguaí, Nilópolis, São Gonçalo, São João de Meriti e Três Rios.

^x A exceção é a filial Jardim Guanabara (bairro na Ilha do Governador).

^{xi} Observar a nota de rodapé nº3, na qual explicita-se a mudança do nome da holding.

^{xii} Disponível em https://ensinoelite.com.br/quem-somos/kit-pedagogico/?utm_source=Search&utm_medium=cpc&utm_campaign=marca&gclid=CjoKCQjw7uSkBhDGARIsAMCZNjvw6OdkmXNi6qdNRGbH55MsaThrXYRhEsDEjuNFz1-8BiDKIQuBQDsaAuuxEALw_wcB Acesso em 26/06/2023.

^{xiii} Disponível em <https://www.plurall.net/#sobre-plurall> Acesso em 26/06/2023

^{xiv} Idem ao 7

^{xv} Disponível em <https://gruposaltaedu.com/nossas-solucoes/> Acesso em 26/06/2023

^{xvi} @ensinoelite

^{xvii} No instagram, há uma publicação de 3 de fevereiro que anuncia que a prova que ocorreria no dia 4 de fevereiro seria a última prova de bolsão para ingresso com desconto em 2023. No entanto, observa-se que ocorreu prova com data posterior. Mesmo quando as provas param de ser anunciadas no Instagram, evidencia-se que os estudantes podem obter descontos de outra forma, como explicitado adiante.

Sobre os autores

Karine Vichielt Morgan

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FEBF. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Políticas Públicas em Educação (NUGEPPE). Membro da Rede Latino-Americana e Africana de Pesquisadores em Privatização da Educação (ReLAAPPe). Especialista em Administração e Supervisão Educacional. Diretora Estadual Rio de Janeiro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação - ANPAE-RJ. Editora Adjunta da Revista Formação em Movimento. Tem como temáticas centrais de investigação as relações entre o público e o privado na educação brasileira, Políticas Públicas em Educação, Gestão Educacional e Formação Docente. E-mail: karine.morgan@uerj.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5014-5679>

Leandro Sartori

Doutor em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pedagogo pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ), onde trabalha como Professor Adjunto e subchefe do Departamento de Gestão de Sistemas Educacionais. Cursou estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Realizou pesquisa de campo para levantamento de fontes em História no International Institute of Social History, em Amsterdã no ano de 2018. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR / HISTEDBRAL) e do Grupo de Estudo e Pesquisa: História, Educação, sociedade e Política (GHESP). Prodcente coordenador do projeto "A atuação do educador na Gestão Escolar: Concepções e práticas de atuação dos gestores em Duque de Caxias". Tem desenvolvido pesquisas nas áreas de História da Educação e Política Educacional, principalmente nos temas: História e Historiografia da Educação; Gestão de Sistemas Educacionais; e Políticas Educacionais. e-mail: leandrosartorigoncalves@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6073-1313>

Luciane Nascimento

Professora Adjunta do Departamento de Gestão de Sistemas Educacionais da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). Doutora em Educação pelo PPGE/UFRJ, tendo sido bolsista Nota 10 da FAPERJ durante o doutoramento. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela FEBF/UERJ com bolsa de pesquisa financiada pela CAPES. Especialista em Administração Escolar pela UFRJ. Licenciada em

Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, com bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Aprofunda questões ligadas ao ensino superior (pós-graduação/ mestrados profissionais); financeirização do ensino superior privado mercantil; expansão da EaD no Ensino Superior; políticas públicas; trabalho e educação; e gestão de processos educacionais. Pesquisadora associada ao Coletivo de Estudos em Educação e Marxismo (COLEMARX), coordenado pelo Professor Dr. Roberto Leher e pela Professora Dra. Vania Cardoso da Motta. Pesquisadora associada ao grupo de Pesquisa: Estado, Políticas e Espaço Público da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), coordenado pela Professora Dra. Marcela Alejandra Pronko. Vice-líder do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Sociedade (NEPTES), em parceria com a Prof. Amanda Moreira da Silva (líder). E-mail: luciane.estrela@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5809-5597>

Recebido em: 27/08/2023

Aceito para publicação em: 03/09/2023